

# ESPELHO DAS ÁGUAS

*Guto Bassi*

Espelho. A cidade se chama Espelho. Alguns acrescentavam “das Águas” ao nome do lugar, mas a denominação oficial do município era Espelho. Só Espelho. Como tantos lugares, seu nome derivava de um topônimo, o Rio Espelho, que cortava a cidade ao meio. O nome do rio tinha uma explicação simples. Bastava olhá-lo com calma, num dia modorrento de verão. Era um rio de montanha, cortando o relevo acidentado da serra onde a cidade se desenvolvera. Era profundo. Correnteza rápida. E sua superfície, se não houvesse vento, era plana, absolutamente lisa, refletindo o céu acima como se fosse um espelho. Nome óbvio. As águas eram escuras. Não sujas, veja bem. Mas, como as montanhas não eram calcárias, as águas não se mostravam cristalinas, apesar de que, ao longo dos anos, todos na cidade que escreviam poesia usavam o termo “rio de águas cristalinas” para se referir ao Espelho. Licenciabilidade poética.

Espelho, a cidade, não o rio, era dividida em duas por esse curso d’água. Isto determinava que houvesse, como é habitual em cidades pequenas, rivalidades entre as duas margens. Em Espelho, falar das pessoas “do outro lado do rio” era uma forma de rebaixar seus desafetos. “Gentinha do outro lado do rio” era também uma expressão desdenhosa, em Espelho. Curiosamente, como qualquer rio, o Espelho tem duas margens. Então há sempre “o nosso lado” e a “outra margem”, esta última habitada por pessoas de vida e caráter, no mínimo, duvidosos. Então, se você circulasse pela cidade, indo de uma margem à outra, sempre ouviria falar mal das pessoas “do outro lado do rio”. Às vezes tinha-se a impressão de que havia uma outra margem, imaginária, intangível, onde todos os males da cidade se concentravam. Como você só pode estar em uma margem por vez, a outra margem era algo inatingível. Distante. Mitológico. Moralmente condenável.

Havia, também, uma ponte que unia as duas metades da cidade que o rio separava. Ponte Prefeito Severiano. Larga. Com uma rua de duas mãos, calçada com pedras regulares, sobre ela. Ninguém lembrava quem era esse tal Severiano, ainda menos se havia sido prefeito. Mas estava ali, na placa de entrada da ponte: Prefeito Severiano. Por ali circulavam as pessoas e as riquezas do município. A ponte abrandava um pouco as rivalidades e as pessoas dos dois lados de Espelho a cruzavam a todo momento para trabalhar, fazer compras, para visitar amigos. Mesmo aqueles que viviam do outro lado do rio. Esqueciam a divisão. A ponte os unia. E Espelho era, então, ao mesmo tempo duas cidades e uma só.

Por iniciativa da própria população, a ponte tinha, em um dos seus lados, uma calçada destinada a servir de caminho para os pedestres. Passear na ponte e observar a serenidade do Rio Espelho era um dos programas comuns na cidade. Ao longo dos anos namoros, romances e casamentos começavam ou terminavam ali, sobre as águas rápidas e profundas. Não era incomum alguém ser visto, pensativo, contemplando as águas ao longe, escorado na grade da ponte. Mas ver o Padre Régis ali era algo incomum. Padre Régis era um dos dois padres responsáveis pela Igreja Nossa Senhora das Águas, que se localizava em uma elevação, sendo visível de toda a cidade. Era daquelas igrejas com uma torre só, com um relógio que, marcando o tempo, de hora em hora avisava às pessoas do município que horas eram. O outro padre se chamava Manuel e não estava à vista naquele momento. Na verdade estava fora de Espelho, tendo ido até a Arquidiocese resolver umas pendências. Então a igreja e todo o rebanho de fiéis de Espelho estava sob a guarda e os cuidados de Padre Régis. Se pensarmos nisso, ficava ainda mais estranha a presença dele ali. Certamente outras tarefas exigiam sua presença. Mas Padre Régis estava parado, mirando o rio à distância, rosto crispado, como se pensamentos terríveis o atormentassem. E assim, era, de fato. Padre Régis era atormentado por Ritinha.

Ninguém era mais “do outro lado do rio” do que Ritinha. Baixinha, morena, entre mulata e índia, tinha um corpo naquela fronteira indefinida entre voluptuosa e acima do peso. Andava sempre com roupas que ressaltavam isso, vestidos curtos, calças justas, shorts cavados. Caminhava com desenvoltura, fazendo com que parecessem naturais seus meneios de corpo. Cabelos lisos, negros, longos, retos. Lábios grossos. Olhos amendoados, negros como jabuticaba madura. E doze anos de idade. Quem a olhasse não diria isso, parecia mais velha, mas o fato é que tinha, mesmo, só uma dúzia de anos. Padre Régis se lembrava da primeira comunhão dela. Fora ele quem, pela primeira vez, colocara na boca da menina a hóstia santa. Na verdade ele lembrava de todas as crianças que tinham, ao longo dos seus mais de vinte anos como sacerdote, feito sua primeira comunhão com ele. Muitas tinham ido embora de Espelho. As oportunidades não eram muito numerosas por ali para jovens sedentos de novidades. A capital era uma atração maior. Então quase todos iam embora. Talvez Ritinha também fosse. Ela queria ir, lhe dissera isso. Mas também dissera muito mais. Naquele mesmo dia ela o procurara na Casa Paroquial. Entrou com a familiaridade de quem já estivera ali antes, o que era verdade. Sua visita foi uma surpresa. Padre Régis não a esperava e ficou profundamente perturbado. Corado. As palmas de suas mãos ficaram molhadas e escorregadias. Ritinha sorriu, dentes brancos à mostra. Seus ombros estavam expostos, revelados por uma blusa estrategicamente puxada para baixo. Ela foi direto ao ponto.

- Preciso de quinhentos reais.

Padre Régis engoliu em seco.

- Já te dei dinheiro na semana passada.

Ela fez uma cara de tédio.

- É, mas acabou. Preciso de quinhentos. - Passou a mão pela moldura da porta onde esta escorada, espichando as costas e projetando os seios contra a blusa. Ficou evidente que não usava sutiã. - E preciso hoje. Pego contigo na Praça, hoje, às nove.

Voltou-se e saiu sem pressa. A mera lembrança da visão de Ritinha indo embora fazia o sangue do Padre Régis ferver, ainda que ele sentisse raiva. Quinhentos reais. De onde tiraria isso? Sabia que Ritinha diria algo do tipo “simples: pega na caixinha das oferendas”. Provavelmente não haveria quinhentos reais lá dentro, Padre Régis sabia. O que o assombrava era a total falta de remorso com que ela proporia isso. Mas a conversa ainda não acabara. Depois de ter saído, Ritinha voltou, debruçou-se sobre a mesa dele e falou em voz baixa:

- Se você não aparecer, conto para todo mundo.

E, desta vez, foi embora em definitivo, saltitante, feliz. Padre Régis sentiu-se oprimido. Chegou a afrouxar o colarinho clerical. Tentou pensar em algo mas não sabia o que fazer. Resolveu dar uma volta. Atravessou a Praça Municipal XV de Novembro, com todas as suas lembranças de noites cálidas de verão e acabou na ponte sobre o Rio Espelho. Debruçado, pensando. Lembrando. Pela primeira vez, em muitos anos, sentiu um desejo premente de fumar. Abandonara o vício há mais de uma década, mas naquele momento sentia uma necessidade orgânica. Um transeunte, apressado, tinha um cigarro entre os lábios. O padre o parou e perguntou se ele não podia “filar um cigarro”. Se estranhou, o homem nada disse. Pegou a carteira no bolso da camisa, ofereceu um cigarro ao padre. Depois o isqueiro. E foi embora, com um aceno de cabeça. Padre Régis sorveu a fumaça com deleite. Deleite. Prazer. Palavras que traziam lembranças. Ritinha, com seus doze anos. A voz de Ritinha se infiltrando pelas grades do confessionário. “Padre, tive um sonho erótico com o senhor”. Começou assim. Seguiu-se uma confissão perturbadoramente detalhada. Desconcertado, Padre Régis determinou uma penitência severa. Dois dias depois, nova confissão, com reincidência do pecado. Mais detalhes explícitos. A terceira confissão fora na sacristia, face a face. Ritinha narrara tudo olhando-o nos olhos. Havia fome em seu olhar. Padre Régis, verdade seja dita, tentou resistir. Mas quando ela chorou com as duas mãos cobrindo o rosto, lágrimas escorrendo entre os

dedos, ele sentiu-se compelido a estender a mão. No momento seguinte Ritinha estava no seu colo, soluçando, a saia subindo e revelando coxas roliças e morenas.

Padre Régis suspirou. Fumar lhe acalmara um pouco, mas as lembranças o desestabilizavam totalmente. “Doze anos”, repetia a voz em sua mente, desencadeando um fluxo de lembranças. Dos arbustos da praça. Da casa paroquial. Escorados contra uma árvore na margem do rio. Deitados na grama. Luxúria. Prazer. E, agora, chantagem. Padre Régis sabia que Ritinha contaria tudo, se ele não tivesse o dinheiro. As pessoas saberiam. Já via as manchetes: “padre pedófilo detido em Espelho”. Nada do que ele dissesse ou explicasse mudaria isso. Ritinha o seduzira. Ele aceitara. Ela tinha doze anos. Ele não. A culpa era dele. Tragou longamente o cigarro, terminando de fumar seu último cigarro. Olhou para os dois lados da ponte. Naquele horário não havia ninguém passando. Ou olhando. Determinado, subiu na guarda e pulou, de cabeça. Teve um lampejo de si mesmo, refletido na superfície do rio, antes de sentir o baque do corpo na água escura. A ponte era alta. A pancada com a superfície da água atordoou Padre Régis. Ele afundou imediatamente. Nunca tinha sido um bom nadador. Seu corpo afundou e ele não sentiu mais medo. Ou desejo. Ou arrependimento. Não sentiu mais nada.

O desaparecimento do padre foi assunto na cidade a partir daquele dia mesmo, quando ele não apareceu para a missa das seis. Quando seu corpo foi encontrado dois dias depois, a comoção foi enorme. Ele era bem querido na cidade. Diversas teorias foram propostas, mas nenhuma chegou nem perto da verdade. Ritinha irritou-se profundamente. Precisava daqueles quinhentos reais para comprar um sapato que vira na internet. Aquele padre velho e babão havia estragado tudo. “Homens são mesmo idiotas”, ela pensou. Em nenhum momento sentiu pena. Apesar de ter apenas doze anos de idade ela sabia exatamente para que os homens serviam. Ela era, certamente, uma típica representante das pessoas do outro lado do rio.